

**MAIO
1936**

N.º 5

1032

**GES
PCP**

**REVISTA TEÓRICA
DA CÉLULA COMUNISTA
DA FORTALEZA DE PENICHE**

ANO 1.º — 1.ª SÉRIE

proletários de todos os países: Uni-vos!

Fo. b. b. b. do Partido b. Português, oferece a célula convergente
das frentes de Peniche, com as melhores saudações Proletárias



Secretariado

ANO 1º - Nº 5

MAIO 1936

O FOGO



Frente Popular UNIDADE DE LUTA

A evolução da política burguesa nos últimos dez anos forçou de tal modo as condições económicas do povo, num sentido de maior ascendente das altas oligarquias capitalistas, que o chamado "tampão" dos grandes sacrifícios burgueses ruuiu inteiramente, arrastando na sua queda os restos dum sistema económico, condenado de há muito, mas vigorando ainda, mercê dos auxílios financeiros do próprio Estado.

Este, legítimo representante da burguesia capitalista, premido no círculo vicioso das suas contradições, criou, pouco a pouco, os órgãos políticos de centralização industrial e técnica, a fim de adaptar às circunstâncias e às contingências da luta por novos sectores de influência expansionista, as suas próprias deficiências político-económicas,

acelerando, dêste modo, a marcha dos regimes totalitários, em matéria política; centralizadores ou corporativos no terreno económico. Claro, que tais decisões, esmagando todos os princípios da boa democracia, destruindo o sistema do livre câmbio de mercadorias e assambrando, por via de órgãos propositalmente criados para tal e dirigidos por altos magnates do capitalismo. O regime da concorrência e distribuição de produtos; teriam que ser condicionado pela criação de órgãos de carácter político repressivo, contrários às normas dos sistemas democráticos e dos princípios de eleição de delegados do povo, de deputados à assembleia nacional (parlamento).

Dêste modo os regimes fascistas, — expressão máxima da última etapa política do capitalismo — lançados por golpes de estado militaristas e con-

duzido por uma propaganda de-
magógica, antecipadamente pre-
parada pela imprensa burguesa
a soldo das grandes concentrações
financeiras e das indústrias de
guerra; apossaram-se do poder
e, em ditadura aberta, atrope-
lando todos os direitos humanos
e jurídicos do povo estabelece-
ram regimes de excepção ocio-
sa para todos os que não comun-
gam nos credos da casta privile-
giada que oprime e esmaga as
consciências mais sãs e mais
justas, sobretudo das camadas
proletárias, que têm já uma in-
tuitiva noção dos seus direitos e
da sua personalidade como clas-
se.

Em opposição decidida e fir-
me criam-se em todos os países
as chamadas "frentes populares",
órgãos de luta contra o fascis-
mo, como penhor de entendi-
mento entre todos os indivi-
duos que pretendem libertar
dum jugo odioso os povos res-
pectivos.

Entre nós, jungidos, há já dez
longos anos, pela patá opressora
do fascismo salazarista, não pas-
sou despercebido este fenómeno
político de flagrante actualidade.
Surgiu a "Frente Popular" a preen-
cher a lacuna que se notava, pa-
ra complemento da grandiosa
tarefa que o nosso Partido vinha
realizando entre as massas tra-

balhadoras; que unificando a sua
actividade revolucionária, em
movimentos de conjunto, quer
procurando a "outrance" esta-
belecer a frente única de luta en-
tre todos os organismos proletários.

Estabelecida a linha politico-eco-
nómica da "Frente" que engloba por-
tos de vista que, à semelhança dos
programas francêses e espanhóis, tra-
zão fundas modificações à políti-
ca nacional e, se bem que nós co-
munistas, não paremos aí, no ca-
minho para a revolução proletá-
ria, há que impulsionar a sua ac-
tividade, no sentido de chamar à
luta todas as massas populares;
quer partidárias, quer neutras
e até mesmo às indiferentes às que-
stões políticas; trazendo assim à pra-
ça pública todas as camadas da po-
pulação, a quem a situação econó-
mica e social em que vivem, afec-
tam odiosamente, os quais, sentin-
do-se apoiadas e conduzidas por
homens e organismos enquadrados
na "Frente" saberão reagir e bater-se
denodadamente pelos seus direitos
a uma vida livre da tutela do fascis-
mo e dos horrores das guerras pró-
ximo-futuras que este desencadeará
e das quais só essas massas populares
serão as vítimas.

Nós, comunistas, emprestaremos à "Frente
Popular" todo o nosso esforço e vigor orgâ-
nico, sem reboço e sem receio de possíveis
desvios, que a nossa própria linha política e
disciplina partidária, não permitiria!!!

Notas Filosóficas. ▢

As Religiões

GES
PCP

Lançando uma vista de olhos para o pretérito vemos que inúmeras têm sido as concepções do mundo que desde os tempos mais recuados até hoje tem tido o homem.

Podemos dizer que têm havido tantas concepções do mundo como filósofos. A primeira preocupação intelectual do homem foi sem dúvida a de explicar o mundo. Desde o culto do fogo dos homens primitivos que o consideravam o animador da vida até às modernas religiões, passando por uma inumerável multitude de crédos religiosos, toda a soma de conhecimentos humanos tem sido canalizada para a descoberta da verdade, descoberta que se tem verificado a pouco e pouco pelo empirismo e a especulação.

A revolução não é mais que a primeira explicação do homem para explicar a vida e o universo tentativa sempre modificada até aos nossos dias.

As religiões foram pois, a primeira explicação que o homem se deu sobre tudo o que o cercava; são, pois, métodos filosóficos, embora grosseiros, mesmo nas

religiões modernas, já depuradas.

Todos têm por base o dogma, o absoluto, a crença pontos de vista que estão em aberta contradicção com a concepção materialista. Até ao fim do século XVIII prevaleceu este conceito dualista. As suas raízes perdem-se entre as brumas do passado, acham-se ligadas ao primeiro homem que tremeu no fundo da sua caverna quando a luz azulada do raio lhe feriu a retina. Daqui a necessidade de crer num "Ser todo Poderoso" que se encolerizava, que dava a tempestade e o sol claro, quente e benéfico, e de quem era necessário cativar as boas graças.

Nós temos para cada problema que a natureza nos apresenta um ramo da ciência que estuda a causa e o efeito, e procura por conclusões tiradas da observação não só a aquisição de mais uma parcela de verdade; como também a anulação ou aproveitamento de tal ou tal fenómeno. Tomemos por exemplo a chuva. A ciência que a estuda como aos outros fenómenos atmosféricos — a meteorologia — não dispõe da

certeza de que dispõe em feiticeiro australiano, já que qualquer meteorólogo moderno sabem menos sobre a maneira de o provocar ou evitar do que aquele, que tem ao seu dispor encantos e ritos determinados, aos quais o Deus da chuva responde acedendo ou não ao pedido formulado.

Em caso de negativo nada mais o preocupará que acalmar o descontentamento dos deuses por meio de oferendas, procissões e sacrificios de diversas espécies.

Será desta forma (castigos ou recompensas) explicam ainda as religiões modernas os fenómenos da natureza, chegando até ao ponto de meterem o dedo de Deus nas relações sociais, e a darem-lhe por mas cor-póreas.

A teoria da revolução foi grandemente auxiliada pelo estudo a que se dedicaram os padres das sociedades do passado o que lhes permitiu falar com certa propriedade e conhecimento de causa, o que os colocava acima da craveira vulgar que os fazia serem escutados como representantes da divindade com quem estavam em contacto. Esta aquisição de conhecimentos foi-lhe permitida pela sua situação na tribu, já que estavam excluídos dos trabalhos a que se dedicavam todos os outros membros

do clero.

Dos padres egípcios nos vêm os primeiros conhecimentos sobre a astronomia e geometria. São ainda os padres os primeiros da ciência, progresso que se verifica pelo resultado da contradição existente entre o meio e a necessidade de saber.

Todas as inumeras religiões, mais ou menos conhecidas, assentam sobre a base que acabamos de analisar e que se resume isto: O mundo foi criado por Deus assim como tudo o que nele existe. Ele criou o homem, o macaco, os protosóários, os pinheiros, a grama e os líquenes, e ele governa tudo com suma sabedoria.

A Grécia antiga, como os seus filósofos, deu a primeira machadada neste conceito daísta.



A propagação da cultura marxista, é, neste momento uma das missões essenciais do Partido Comunista e a garantia mais segura da vitória do proletariado.

Marcel Olivier

INSTRUÇÃO



Quando contemplamos o passado através das páginas da História, assistimos de perto e por análise a um polícromo quadro de "fantasias políticas" onde se unem quasi sempre as forças da classe dominante e as do obscurantismo fanático da religião.

Desde o aparecimento do Estado até à Revolução Francesa, passando por sucessivas épocas de transformação social, encontrando-se a moldados sempre às circunstâncias os chamados exércitos de pé, chefiados por bispos, cardeais ou papas.

Portugal, país básico da Reação Clerical, atecado de séculos de obscurantismo e de Inquisição, é um quadro que serve admiravelmente às investigações profundas da História.

Amarranhado pela "Companhia de Jesus" que defendeu sempre a política da aristocracia indígena, só a Revolução Liberal de D. Pedro IV, que banuiu do seu solo por largo tempo a acção devastadora de Religião, o livrou de tal veneno.

Os princípios burgueses da Revolução Francesa triunfaram pois

em Portugal.

Abriam-se escolas, liceus, criavam-se novos cursos superiores, fecharam-se conventos, em 1910. Separou-se a Igreja do Estado, garantiu-se a estabilidade do comércio e da indústria e desenvolveu-se a classe operária.

Uma política de guerra, uma surda luta económica nascida das contradições capitalistas e duma agudização da crise, modificaram completamente os princípios de 89 para os substituir por a mais desenfreada existência de terror, de miséria e de perseguições.

Um anti-clericalismo débil foi posto de parte para dar lugar à aliança descarada da alta finança portuguesa com os princípios reaccionários da religião católica, que procura semear por Portugal inteiro a sua sementeira de fanatismo, de sangue e de luta anti-comunista, face ao reforçamento do avanço das forças proletárias.

Do alto dos pulpitos, cuidando de "sagrado" espírito cristão, os padres procuraram lançar sobre nós, servindo à alta banca, não a maldição de Deus que sabem não existir, mas as carnadas ignorantes da população operária, cobrindo de calúnias a nossa guerra de libertação e a Uni-



ão Soviética.

Cruzadas religiosas, como na Idade-Média, se lançam com ardor na consolidação do poder fascista que, vítima das suas contradições sente aproximar o fim do seu período histórico procurando penetrar, na fábrica e no campo, no Exército e na Armada, nas escolas e nos liceus.

Por cima da cabeça do professor primário ergue-se agora a cruz à sombra da qual se praticaram os crimes mais odiosos para que as crianças saibam amar nela a Pátria e o Estado-Novo.

O fascismo indígena consolidada esta obra e para admirar era se assim não fôsse, pois é a classe que serve, que o obscurantismo interessa.

Edo Norte ao Sul de Portugal a «Cruz» da Companhia e a política de «Espírito» vão semeando o cardo agreste da ignorância.

O «Diário de Notícias» de 10-2-936 diz-nos que em Vila Verde dos Francos, está fechada há três anos a Escola do Sexo Masculino com uma frequência de 130 crianças; que em S. Paio de Morlim, por determinação superior foram encerradas as escolas, femininas e masculinas, ficando novos entes sem instrução; que no Zambugal (Sesimbra) se encontram privadas

de instrução 300 crianças, por o edifício escolar carecer de reparações, sem que até agora tenham sido atendidas as reclamações feitas nesse sentido; que no Cereal do Alentejo dois dos lugares das escolas desta freguesia estão sem professores desde as férias do Natal; que em Alfaiolos há bastante tempo que a escola do 2º grupo do sexo masculino se encontra sem professor primário.

É preciso mais claro? Aqui está: o «Diário de Notícias» de 15-2-936 numa das suas páginas, trazia estes locais:

ALADAS, - 10 - A escola oficial masculina continua encerrada por falta de professor, o que está prejudicando grande número de crianças, que vêm sendo privadas de ensino.

A que de direito se pedem urgentes providências.

Outra de 14-2-936:

Vale de Prazeres, 8 - Os professores do concelho do Fundão ainda não receberam o ordenado do mês de janeiro, por não haver ordem de pagamento. Os professores dos cursos noturnos estão também desde Novembro sem receberem ordenado.

Idênticas a estas traz o «Diário de Notícias» e o «Século» as três e quatro diariamente.

E do Estado Novo semeiam

do "instrução," é da Cruz lembrando as épocas remotas da História em que os Gamase os Cabrais, vestidos de heróis roubavam, matavam e incendiavam que "viver o operariado português.

Não é arrestandos ao carro do fascismo que nos traze a miséria e desolação que caminhamos! É de baixo de bandeira da I. C., e dentro dos princípios marxistas-leninistas que as massas laboriosas conseguirão a sua emancipação integral!!!



Do Feudalismo à Burguesia

Foi a França um dos primeiros países a arrostar com a vil forma de governança feudalista, que mais tarde deu ascenso à burguesia. Outrora este país, era livre. Estava dividido em pequenas repúblicas, pois do seu seio se tinha banido a realeza, porque antes era dominado por reis, mas o espírito liberal deste povo, não podia sofrer a opressão dum "senhor" e revolucionariamente esfacelou o trono.

As cobícias do tempo, o génio guerreiro e de conquista, atiraram sobre a Gália uma horda de bárbaros denominados Francos.

Assim começou a época feudal na antiga Gália, à qual os francos lhe deram o nome de França.

O despotismo mais feroz começou a imperar, fazendo dos homens livres, escravos, e as terras, outrora pertencentes a estes homens livres, passavam a ser doadas pelos reis aos vobos de guerra, que tomaram os títulos de condes e duques.

A igreja tornou-se o mais forte estio do feudalismo, pois aos reis convinha a igreja para submeter os povos pela ignorância, a qual gerava o medo ao inferno e outras patranhas, amarrando-os assim às suas mentirosas crendices.

A igreja também convinha ao feudalismo, pois

Todo o país era dominado pela Gália e cada um dos seus estados era dirigido por um chefe, que de conjunto com representantes do povo e guerreiros, davam direcção às coisas do Estado. As mulheres participavam, em grande parte, nos trabalhos dos homens, quer no estado, quer no campo.

ela lhe garantia tôdas as probabilidade de uma existência autocrata.

Os povos escravos tudo produziam para os seus senhores, e estes tinham o direito de matar, quando o escravo já era velho, e por tal impossibilitado de dar rendimento bastante, e ainda aos que se rebelavam ou cometiam delito, embora involuntário.

Era assim que o feudalismo, em nome da religião, tratava os povos submetidos.

Não é porém da escravatura nata que tratamos, pois esta já de há milénios vem imperando, e ainda hoje occultamente se coarct, mas porque cabe aqui dizer algo, por se tratar de feudalismo e este albergar no seu seio tão as que rosa lei.

As revoltas constantes, os anaque vertido dia-à-dia em chacinhas sem nome, fizeram modificar um pouco o sistema da escravidão, e os escravos passaram a constituir famílias com o nome de servos, nome que a burguesia actual, ainda hoje sustenta, num tom despresivo, em desnivelamento baixo.

Os servos eram então obrigados a cultivar as terras dos senhores caindo noutra espécie de escravidão, à que eles chamavam liberdade, mas que era de

facto outro aviltamento.

Os artífices, os artesãos, trabalhavam para os conventos e senhores, e ainda eram obrigados ao imposto da dixima para o Estado.

Depois do feudalismo integral, surgiu o autocratismo, feudalismo também, mas onde o rei era autocrata.

Os povos do campo e da cidade nada lucraram, e só a igreja perdeu um pouco da sua influência, mas continuando a impor sobre os povos.

Era pois o Estado composto pelo clero e nobreza, tendo como senhor hierarquico, o rei.

Conseguiram os mestres ter assento na côrte, representando o povo, mas hipocritamente, este era sempre subjugado à vontade dos senhores sendo um pró-forma a sua representação nas côrtes, como ainda hoje nos parlamentos retintamente burgueses o são os deputados eleitos pelo povo.

A massa anónima, porém, rugia qual mar revolto e, sempre em constante efervescência, fazia constante rebeliões armadas, quasi sempre isoladas, por isso faceis de dominar, pois não havendo ainda o verdadeiro espirito de classe dos oprimidos, estes levantavam-se esporadicamente sem uma direcção.

A igreja conforme esses levantamentos, ou aconselhava a matança em forma, ou se o caso se tornava mais grave, suscitava uma lei atenuante do perigo.

A revolução, porém, não para; o povo mais unificado nomeadamente nas cidades, pois no campo se refletia mais a influência da igreja, fazia vergar já a chamada vontade soberana, e assim Luís XVI viu-se obrigado em 1789 a decretar os Estados Gerais, espécie de parlamento, onde tinham assento os representantes do povo, mas que no final eram homens mais ou menos ricos, árvores nascentes da futura burguesia.

Nota-se que os Estados Gerais tiveram o seu início em 1 de Maio de 1789.

Claramente, que os tais representantes do povo, não advogavam de forma alguma os interesses destes, mas sim os seus próprios, que eram interesses nos meios de produção e negócios de bolsa. No fundo eram realistas, constitucionais, pois a constituição dava-lhes o direito de poderem defender o comércio que em grande parte já estavam de posse, e exploração das riquezas do solo. Do povo só lhes interessava a parte activa que poderiam tomar

para os guindar ao poder tão almejado, não obstante alguns deles fazerem discursos inflamados, que iam enganando as massas trabalhadoras.

A lei de 1789 seria porém, a queda do feudalismo e o triunfo da burguesia.

O povo vendo-se ludibriado nas suas aspirações, assaltou a 14 de Julho do mesmo ano, a célebre prisão da Bastilha, e a revolução começa no seu auge com um carácter muito mais popular.

Luís XVI, é deposto pela vontade do povo, e as reformas sociais, filhas do único axioma, ninguém tem direito ao superfluo enquanto não houver o necessário, eram pedidas pelo povo em armas, e alguns foram publicados.

A burguesia, porém, já senhora do poder, foi conspirando e traíndo a pouco e pouco todas as aspirações da massa, o que se resume por isso que não devemos desarmar; mas continuar na luta até ao fim da queda do capital, nem mesmo que essa revolução venha da "Frente Popular".

Foi primeiro Bonaparte, a quem os burgueses deram o seu apoio. Foi depois de novo o realismo, já amoldado ao sistema burguês, que deram assô à Comuna de Paris em 18.

de Março de 1871.

Foi efêmera a vida da Comuna, pois a burguesia, que abarrotava patriotismo por todos os póros, não se importou de recorrer ao estrangeiro para derrubar aquele primeiro baluarte da Liberdade proletária.

Os burgueses, como os feudalistas, têm sido os verdugos da massa trabalhadora, dos

pos, das fábricas e dos quartéis. A semente porém, foi lançada à terra, e em 1917, germinou na grande Rússia, abafando para sempre o jugo autocrata e burguês, por uma forma violenta, mas benéfica, e hoje com o nome de U.R.S.S. é hoje justamente chamada: A Pátria dos Trabalhadores, pois é lá que nós temos a aspiração máxima do nosso Direito à Vida!

GES
PCP

FÁBRICAS DA MORTE...



Para avaliar bem a obra monstruosa das indústrias que fabricam a morte, não há nada melhor do que estudar os imensas fábricas assassinas que Alfredo Krupp fundou, e hoje constituem uma verdadeira cidade industrial, onde 150.000 operários organizados militarmente como simples soldados, colocados debaixo da vigilância de uma hierarquia completa de oficiais e sub-oficiais, trabalham dia e noite no fabrico de engenhos que amanhã lhes darão a morte.

Estes operários não são somente escravos da classe burguesa, mas, também, da máquina a todas as horas e em to-

dos os dias. Um imenso formigueiro humano com esta única missão: fabricar a morte!

A fábrica Krupp é indubitavelmente a maior da Alemanha, melhor ainda, a maior do mundo, na sua especialidade. Mas não há só esta. Na Alemanha existem fábricas importantíssimas com o mesmo fim, e com muitos trabalhadores empregados em iguais tarefas.

Pode afirmar-se, mesmo que toda a Alemanha é hoje um vastíssimo arsenal de guerra: estaleiros para produzir submarinos e couraçados; campos para a construção de aviões; extensos laboratórios para preparar gases, que amanhã darão a morte a milhares de milhões de seres humanos que são nossos irmãos ou

filhos; fábricas de canhões e metralhadoras; fábricas de tanks e de carros motorizados; fábricas especializadas em munições de toda a espécie.

Só quem trabalha dentro destes empórios fabris, exclusivamente destinados à indústria de guerra, poderá dizer mais concretamente o que eles são por dentro.

A fábrica Krupp, três ou quatro anos antes da grande guerra, já ocupava este assombroso número de operários — setenta mil — e manejava um capital de 160 milhões

de marcos (ouro) pertencentes na sua totalidade a Bertha Krupp netã de Alberto Krupp. Cento e sessenta milhões de marcos (ouro) dum só mulher, enquanto milhões de operários e operárias morrem devorados pela doença originada pela fome.

Alfredo Krupp o grande "patriota" alemão andou pela França a oferecer os seus inventos aos inimigos da sua própria pátria, porque estes magnates de armas e munições só conhecem uma pátria: o capital — que representa o sangue dos trabalhadores.

O ferro e o aço com que os alemães fabricam os seus canhões e as suas carabinas é-lhes fornecido por opulentos exploradores franceses que são ao mesmo tempo... excelentes patriotas.

Como esse ferro e aço serão devolvidos um dia à procedência, embora convertidos em balas e granadas, não há escrupulos de consciência a considerar. O bom filho à casa torna...

O que é certo é a casa Krupp ter hoje um capital de 250.000.000 de marcos-ouro, o que em moeda portuguesa representa a linda soma de 2.250.000.000 \$00!

Dos seus números fabulosos só sabemos que atingem cifras astronómicas.

A seguir à casa Krupp, surgem as duas grandes fábricas inglesas Armstrong e Vickers, trabalhando de acordo ou associadas e dispendo de um capital enorme de quatorze milhões de libras. No ano de 1935 estas concentrações industriais deram o lucro de dois milhões, cento e trinta mil libras cada uma.

Estes lucros representam muitos milhares de sacrifícios e de vidas arruinadas pela tuberculose originada no excesso de trabalho; no entanto, quem recebe todos esses lucros formidáveis, são meia dúzia de capitalistas ingleses, que são uns autênticos vampiros das classes trabalhadoras.

Depois das concentrações Armstrong-Vickers, aparecem

as grandes fábricas francesas Schneider e Hotkiss, que podem manufaturar diariamente dez mil metralhadoras de tiro rápido.

¿Para quem serão apontadas as bocas d'esses monstros que no dia de amanhã vomitarão metralha para matar e ferir?

¿Para os detentores dos grandes capitais?... Não. Para os oprimidos e explorados que se revoltam contra a exploração capitalista. Esses serão mortos sem dó nem piedade por essa infernal metralha. Para os soldados e marinheiros que na sua totalidade são filhos do povo laborioso!

Mas, não há apenas estes empórios fabris que se dedicam somente à indústria da morte; há muitos mais, na Áustria, Polónia, Hungria, Itália fascista, no Japão e América do Norte.

É preciso que todos os operários, camponeses, soldados e marinheiros se convençam de uma vez para sempre, que todas estas engrenhas de morte não são feitas para matar "feras" em África, nem burgueses nos seus sumptuosos palácios, mas sim para matar e oprimir os trabalhadores de todo o mundo.

¿Para que servem todas essas navios de guerra, metralhadoras e carabinas que Salazar comprou à

Inglaterra com o dinheiro dos trabalhadores? Para dar de comer aos que tem fome? Não, porque os trabalhadores não comem ferro, nem aço!

As balas dessas armas servirão para abater todos os oprimidos e revoltados contra a Ditadura Salazarista, que peçam em público: Pão, Terra, Instrução e Liberdade!



A CAPA DO "FOGO"

Pedimos a todos os camaradas que nos enviem projectos para futuras capas, porquanto estamos firmemente empenhados em criar diversas capas. Os projectos devem ter uma finalidade objectiva que sintetize uma ideia.

Na capa deste número simbolizamos o comunismo germinando por cima do mundo inteiro iluminado por uma nova estrela.

Desejamos que todos os camaradas nos anudem a sua opinião e crítica.

O Secretariado.



A FRENTE POPULAR FRANCESA



Triunfo da Frente Popular em França não foi, nós o sabemos, um facto inesperado e retumbante, muito embora êle oferecesse aspectos que se não esperavam.

Tinha razão o órgão do Partido Socialista "Le Populaire" e as massas laboriosas da antiga Gália, quando depois da jornada revolucionária de 12 de Fevereiro de 1934 apregoavam que "Le fascisme ne passera pas".

E assim foi. As falanges de La Rocque que procuraram submeter a França ao regime sanguinário fascista não tiveram, nem têm âmbito nem "crédito". Pelas suas condições económicas este país é essencialmente anti-fascista, não só pela parte das forças operárias, comunistas e socialistas, mas também pelo reformamento dum grande sector, o mais numeroso, da pequena burguesia, representada no Partido Radical-Socialista.

A Frente Popular Francesa, foi o reforçamento duma política de paz que nunca a frente reaccionária do coronel de La Rocque manteria.

É que esta Frente anti-fascis-

ta representa o sentir da maioria do Povo Francês que anseia tranquilidade e odeia a guerra com toda a veemência e procura acina de tudo os três pontos capitais da existência humana: "o pão, a paz e a liberdade".

À seu lado erguem-se as forças ameaçadoras do fascismo hitleriano que procurando alargar fortemente os seus domínios na Europa, ampliam cada vez mais e com menos reservas a sua política de guerra.

Ameaçadas por estas a Alsácia e a Lorena que depois do conflito de 1870, fica bem pertencendo à Alemanha até 1914, estão em risco de sofrer a inclemência da devastação nazista.

Sem uma Frente Popular em França, como das forças da Frente Nacional, a paz do mundo estaria ainda mais seriamente ameaçada e o despolitismo social appareceria neste país em toda a sua amplitude.

Uma Frente mundial se operaria, de combate às forças anti-fascistas da Europa à União-Soviética e da qual fariam parte a Alemanha de Hitler, a Itália de Mussolini, a França do arrogante La Rocque e a velha aliada Inglaterra.

GES
PCP

Então a divisão dos pequenos países e a maior exploração dos povos coloniais e dependentes seria um facto.

Uma tática perfeitamente revolucionária uniram as forças do Partido Comunista e Socialista às do Partido Radical Socialista, a Federação Autónoma dos Funcionários, a Liga Internacional contra o Anti-semitismo, a Liga dos antigos combatentes pacifistas, a Federação Comunista Democrática, o Partido de Unidade Proletária, a Liga Internacional de acção pacifista e social, a Liga dos direitos do Homem, os Cruzes de Madeira, a Federação dos combatentes republicanos, o Comité de Vigilância anti-fascista de Paimp-Denis.

A luta contra o fascismo tornou-se pois a base sobre a qual assentou a acção de todas as organizações e em especial do P.C. Francês, disposto como todos os partidos da I.C. a enfrentar a acção perversa das forças reacionárias.

Assim pois os comunistas franceses combaterão com demora do lado dos outros membros da Frente Popular para a defesa das conquistas democráticas que o fascismo pretende aniquilar juntamente como assassino dos melhores elementos revolucionários e a extinção da cul-

tura como estamos vindo em Portugal, na Alemanha e na Itália.

Esta acção que é apenas de consolidação da Paz e da firmeza dos princípios, anti-fascistas, está ligada às aspirações pacíficas da União Soviética, que como a França está ameaçada pelas forças do nazismo alemão.

Assim a razão de ser do Pacto de assistência mútua Franco-Soviético, fica demonstrada com a ameaça helica de Hitler.

A Frente popular como seu triunfo veio dar a velha Galia a base rígida sobre que assentarão os edifícios sociais que o proletariado está erguendo com tenacidade e sacrifício.



CONTAS

Receitas:

Saldo do mês anterior	2475
Auxilio voluntário para o con-	
fecionamento dos nossos órgãos:	
Da caserna N.º 1	2430
" " " 2	1890
Soma	<u>23495</u>

Despesas:

Gasto em material para o confec-	
cionamento dos nossos órgãos pri-	
cionais, "Ego" e "Boletim Trisonal"	2045
Saldo para o mês de Junho	3450
Soma	<u>23495</u>

Perspectivas da Moral...

GES
PCP

A moral, que nos apresenta como código de bons costumes, não passa de uma ficção. A atestala está o facto de a cada época distinta do desenvolvimento humano corresponder o conceito de moral inerente a cada classe social.

A moral de uma época é sempre a moral da classe dominante. A esta pouco importa que esta seja essencialmente caracterizada por uma falta absoluta de justiça, de equilíbrio, de harmonia, sem o que não pode haver uma verdadeira moral.

O desenvolvimento económico, impulsionando a transformação das classes, criando umas ao mesmo tempo que prepara a derrocada de outras, traz consigo o germen de uma nova moral, a moral da classe triunfante. Logo, a moral está directamente ligada às relações de produção. Por isso ela é diferente, nas civilizações modernas, da que predomina nas civilizações Grega e Romana.

Do feudalismo passando pelo absolutismo, pelos princípios demoliberais de 89 até à época do feudalismo, até hoje assistimos a um cortejo em que a moral se

veste das mais diferentes formas. A arbitrariedade senhorial, ao livre-cambismo, "à economia dirigida" do fascismo correspondem conceitos morais totalmente diversos.

Cada um destes períodos é caracterizado por distintas relações de produção.

A escravidão, sobre que se basearam as civilizações desaparecidas há séculos, a servidão sobre que assentava o feudalismo e o salariedade do capitalismo, são períodos distintos dos meios de produção; a cada um deles corresponde uma forma social de relações sociais, em que existem posições diferentes entre possuidores e não possuidores.

Para a época da escravidão era absolutamente moral que se chicoteasse os escravos considerando-os como bestas de carga; que o senhor vilipendiasse as suas mulheres escravas também.

Era moral que a mulher, em Atenas, quando a civilização grega se achava no apogeu de esplendor da arte e das ciências, fosse pouco mais que escrava.

Ali, para ser mulher, era necessário ser prostituída, já que as hetairas eram consideradas, aduladas pelo seu espírito cultivado, chegando a influir nas artes e na política, ao passo que a mulher

honestas quando não conseguia burlar a vigilância era considerada como a chefe das escravas e apenas selhe ensinava a ler e a escrever.

Estas palavras de Demasténes são bem o reflexo da moral grega no respeitante à mulher. "Nós casamos para termos filhos legítimos e uma guardiã fiel da nossa causa; temos concubinas para o nosso serviço de todos os dias e betairas para o gozo das amas."

No feudalismo era tido como moral que o senhor tivesse o direito de deitar-se a primeira noite com a desposada do servo e que este passasse a vida revolvendo a gleba para que o senhor pudesse mover guerras ao seu vizinho, ao poder real e vivesse à larga; que sobre o servo passasse toda a sorte de alcavalas destinadas a despojar-lo de tudo que pudesse acumular e que se batesse sempre que o senhor o chamasse às fileiras, que fosse enforcado e confiscados os seus miseráveis haveres sempre que o senhor disso tivesse vontade.

E tudo isto era moral, e era apoiado pelo catolicismo — deturpação do cristianismo — elevada à religião do Estado, que predicava a humildade e a renúncia enquanto desenvolvia a sua influência teocrática.

Com a burguesia transforma-

da em classe dominante, com o seu liberalismo económico, com o seu livre-exame, com o seu sufrágio universal, a moral muda de aspecto.

No fundo continua sendo a moral que preside à exploração do homem pelo homem; que regularmente a prostituição mas impede para ela; que concede liberdades, mas encarcera e mata os que usam delas etc.

Continua sendo a moral apoio da propriedade privada, que aglomera mansardas ignóbeis onde vegetam os escravos modernos, enquanto por outro lado se erguem, altivos e aristocráticos nas suas linhas arquitectónicas, palácios em que vivem os que nada fazem. — É a moral burguesa.

Há porém em cada sociedade o germem da sua destruição. Do aparecimento da burguesia como classe dominante traz consigo, concomitantemente, o aparecimento duma classe completamente oposta — o proletariado. Do antagonismo de classes baseado nos distintos interesses de cada uma delas surge uma nova fase da luta de classes, já quietada a história outra coisa não é senão uma luta constante, tenaz, entre oprimidos e opressores.

A agudização das condições de vida, o peso do movimento proletário na vida económica e polí-

tica dos povos, o desenvolvimento da sua mentalidade de classe, as contradições da sociedade burguesa filhas da luta entre o capital e o salarizado, provoca um movimento ascendente de esforço revolucionário no seu caminho para a tomada do poder.

A burguesia defende-se pelo fascismo criando tais condições económicas que a pequena burguesia é assimilada pela grande indústria e alta finança, ou vegeta escrava à sombra dos grandes potentados, ou se proletariza já que se extinguem as suas condições de vida.

Para o fascismo quando ao poder como representante da grande propriedade agrária, industrial ou financeira, existe uma moral totalmente oposta aos interesses da humanidade.

Passou-se ao patriotismo exaltado do nacionalismo, ao racismo, à exploração mais infame do proletariado e da pequena burguesia, tendo por base a repressão da luta de classes, do culto da tradição bárbara, ao corporativismo. O poder passa a ser influenciado directamente pelas diversas religiões que no fundo nada mais são senão códigos de moral das épocas obscuras do passado. Todo o esforço reaccionário se encaminha para o retrocesso à custa de todos os sacrifícios das massas para o passado devasso dos conventos para arbi-

triedade dos tiranos. É a apologia da guerra, a mobilização de todas as atrocidades a que ela dá origem e a justificação das suas consequências hediondas que só por si seriam suficientes para a tornar repugnante, se pela sua essência ela não fosse de todo condenável. — É a moral do fascismo.

Mas o instinto do progresso no homem, o desenvolvimento dos meios de produção, e das ciências naturais e de todo o conjunto do ser humano dão à classe oprimida a consciência do seu papel histórico, apresenta-se como a indiscutível realizadora duma sociedade sem classes.

Esta classe — a proletária — corresponde a uma moral totalmente diferente, a aquela moral que tem por base a justiça, a harmonia e o bem, enfim a verdadeira moral.

Uma moral despida de duplicidade, que obedece aos impulsos e às aspirações naturais da espécie, que não é já a apologia da supremacia duma classe composta de meia dúzia de indivíduos sobre todo o resto da humanidade, que persegue a verdade dentro dos interesses colectivos, uma moral sustentáculo da paz e harmonia humanas — É isto a moral do futuro, despida de falsas roupagens.

A Ineficácia Pacifista



argumento favorito dos reformistas platônicos consiste em assegurar que é preciso primeiro que tudo modificar as ideias e os sentimentos da nação.

"Instruir o povo — exclamam — e está a chave da questão social; e nos espíritos que se faz a revolução".

A história, porém, dá-nos o contrário, como nos demonstra a revolução russa. Quando os operários e camponeses conquistaram o poder, a sua educação era quasi nula e no entanto a revolução consolidou-se com o espanto da própria burguesia e de todos os socialistas utópicos que vaticinavam a sua derrota.

A instrução pouco atenua a exploração da classe operária. Por grandes que fossem os progressos da sua educação, a maioria não possuidora, obrigada a vender, para poder subsistir a sua força muscular ou cerebral, nem por isso deixaria de estar sob a dependência da minoria possuidora.

A universalização da instrução sem a universalização da propriedade não modificaria em

nada a situação material em que se encontra hoje o proletariado, porque ainda que fosse mais instruído nem por isso teria meios de trabalho em mais proporção nem deixaria de ser sempre despossuído.

Este nosso conceito, consequência da nossa discordância com os socialistas utópicos, não quer dizer que condenemos a instrução. Reconhecemos em alto grau a sua utilidade posto que, difundida pela massa exercerá proveitosa influência sob o ponto de vista revolucionário.

Quanto mais instruída esteja a massa, mais depressa dará conta da sua posição de explorada e em nos disposta se encontrará a sofrer em silêncio.

Quanto à ideia de modificar directamente o estado mental da nação, para fazermos a revolução é uma utopia. A este respeito dizia Lenine: "Não devemos esperar pela educação do proletariado para assaltar o poder, visto que assaltado este o proletariado terá assegurada a sua educação com o novo regime. Devemos conquistar o poder pela força, o qual é indispensável à emancipação do proletariado."

DO CZARISMO AO SOCIALISMO



Para analisar a formidável obra dos trabalhadores russos, numa sexta parte do mundo de há dezoito anos a esta parte, é necessário fazer-se um estudo profundo do que era a Rússia imperialista.

Em 1910, havia na Rússia imperialista um número redondo de 120 milhões de almas, deste número 105 eram camponeses que viviam debaixo duma exploração brutal e escravizados pelos grandes senhores; dos outros 15 milhões, três eram trabalhadores industriais, que não perdiam o contacto com o campo, os quais morriam devorados pelas doenças originadas pela fome.

Os outros 12 milhões, eram compostos pela alta nobreza ilustrada, senhora de grandes domínios.

A tirania russa era a mais bárbara, a mais infame e vexatória que conheceu o século XX.

Na Rússia não haviam homens, senão os tiranos; não se conheciam homens nem cidadãos. Havia escravos e servos, de cujas vidas e bens, o Czar dispunha como quem dispõe de um pebanho de carneiros. A lei era a vontade do Czar,

monstro de todas as crueldades — que mandava fusilar e deportar, só porque isso lhe dava prazer. O Czar podia fazer dum imbecil, o homem mais importante do império, e do homem mais importante da Rússia, o último dos miseráveis, porque todos eram apenas o que a sua vontade queria, porque essa vontade era soberana.

O povo era apenas um bando de miseros e de famintos tratados a chicote. Do lado do Czar, as camarilhas que exploravam e calcavam a pés toda a nação.

Quem protestava ia apodrecer no fundo de uma masmorra, ou morrer nos fundos imensos da Sibéria. Cabeira, chicotê e desterro eram os 3 aspectos que se erguiam, dia e noite, diante de cada consciência livre.

A descrição daquelas levas de condenados políticos que eram atirados sem piedade para o norte da Sibéria, ainda nos faz estremecer de horror e de indignação.

Eram bandos de homens, velhos e novos, muitos deles de quilhetas nos pés, arrastando-se sobre a neve, durante léguas e léguas sem fim.

E traz deles, tremendo de

frio e de horror, multidões de mulheres e crianças, que os cosacos injuriavam com insultos grosseiros.

Um condenado exausto, caia por terra! O chicote do carrasco mais próximo, rasgava-lhe as carnes, até esse pobre farrapo humano se erguer e caminhar de novo. Os que não podiam erguer-se eram mortos a coronhada e abandonados na vastidão da Sibéria.

Quanto mais revolucionários caíam debaixo do chicote dos carrascos, quanto mais homens livres entravam nas masmorras imperialistas, mais revolucionários surgiam sempre.

Os estudantes agitavam-se contra a opressão política de que o povo é vítima. Os molins académicos por vezes violentos, sucedem-se nas ruas das cidades e são reprimidos pela policia com dureza.

As universidades tornam-se o grande pesadelo dos poderes públicos. A policia é aumentada. Entra-se no caminho das violências que precedem as grandes convulsões sociais.

Nun dado momento a Revolução está e a agitação recrudescer.

Tendo por início um movimento popular, que ganha rapidamente as oficinas, os quartéis e os campos, o exarismo baqueia.

Ergueram-se todos os acordos

da revolta de todos os desherdados da terra.

Os operários e soldados começaram a abraçar-se de lágrimas nos olhos. A formidável máquina de guerra, que era o único sustentáculo do império, desmoronou-se numa hecatombe de cobardia e de pavor.

E o povo, que não tinha armas, nem sabia tácticas militares e que possuía como amunições as pedras das calçadas, foi daí em diante o único senhor absoluto, forte, dominador, invencível.

Dos escorbros ensanguentados da velha Rússia, ergueu-se um novo mundo de trabalhadores fortes e fecundos que seem a orientação dos mais fiéis discípulos de Marx e Engels, não teria sido possível.

E hoje, a União Soviética é o país mais civilizado do mundo, onde 160 milhões de homens e mulheres constroem conscienciosamente uma nova vida e um novo mundo. O proletariado das cidades e dos campos, liberto para sempre da tutela do capitalismo, constroem alegremente a sociedade socialista, onde todos têm direitos e regalias como classe trabalhadora.

A Revolução dos trabalhadores russos, veio trazer ao mundo a confirmação mais absoluta das forças revolucionárias e organizadas dos partidos marxistas.

Uma Opinião

A questão sindical ainda não está bem arpeigada no espírito das massas, de forma a compreenderem os benefícios que esta pode trazer aos explorados do capital. Mesmo dentro do nosso partido, uma parte, e talvez numerosa, descure deste problema de magna importância.

Se pensassem mais um bocadinho naquele velho massenpre novo axioma, de que a "união faz a força" talvez que a massa ocorresse mais preocupada a ingressar nos respectivos sindicatos ou a organizar os que ainda não estivessem.

Ha' o medo da repressão pela ilegalidade?

Mas não se compreende.

Desde que uma classe, estivesse em maioria organizada, poderia a policia prender essa maioria?

Desde que os seus dirigentes se escondam dentro do anonimato, sem deixarem transparecer que o são, pode a policia adivinhar?

Desde a classe siga a par e passo as palavras de ordem da direcção ao seu sindicato, não campo aberto para lutar e ven-

cer a luta pela acção numerica?

O que é afinal um sindicato?

É o agregado dos componentes de uma ou mais classes congeneres, que se impõe, já pela imprensa, já pela luta verbal, ao Estado e aos patrões.

Isto quer dizer, União.

Quais os encargos que lhe advem?

O pagamento de uma cota e o dever de comprar e propagar os jornais sindicais, etc.

Ora se a massa para defender os seus interesses colectivos, deve ingressar no seu sindicato profissional, um comunista tem mais o dever de: Procurar organizá-lo se ainda não o está; fazer associar os seus companheiros da fábrica ou officina; tomar parte nas comissões sindicais e nos G.D.S e organizar a fracção comunista.

É isto o que um bolchevique deve e tem por obrigação fazer, sem o que aliás, é imperfeito, o que infelizmente succede ainda com muitos comunistas.

Os sindicatos da C.I.S ou autonomos, não albergam no seu seio, só comunistas, mas sim toda a massa de trabalhadores de qualquer tendência, desde logo que respeitem os seus estatutos, porém cabe aos comunistas, como dirigentes do proletariado olhar de frente o problema sindical



A MÁQUINA

A máquina tornando inútil o trabalho muscular permite empregar operários de pouca força física. Quando o capital se apode

rou da máquina, o seu grito foi: trabalho de mulheres, trabalho de crianças! A máquina meio poderoso de suavizar os trabalhos do homem, converteu-se em seguida em meio de aumentar salários. Obrigou debaixo da vara do capital, a todos os membros da família, sem distinção de idade nem de sexo. O trabalho forçado de todos em proveito do capital, usurpou o tempo dos divertimentos da infância e substituiu trabalho livre que tinha por objeto o sustento da família.

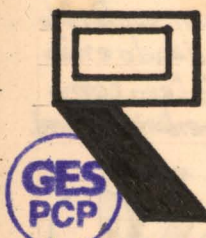
O emprego capitalista do maquinismo desnaturaliza profundamente o contacto, cuja primeira condição era que, capitalista e operário deviam tratar entre si como pessoas livres, ambos comerciantes, possuidor, um de dinheiro ou de meios de produção e outro de trabalho. Tudo isto fica destruído desde o momento em que o capitalista compra

mulheres e crianças. O operário anteriormente vendia a sua própria força de trabalho, da qual podia dispor livremente; agora vende mulher e filhos.

Pela anexação ao pessoal de trabalho, de uma massa considerável de crianças e mulheres, a máquina conseguiu por fim romper a resistência, que o trabalhador varão opunha ainda na manufatura do despotismo do capital. A facilidade aparente do trabalho com a máquina e o elemento mais manejável e mais docil das mulheres e crianças, ajudam à sua obra de avassalamento.

A máquina cria novas condições que permitem ao capital soltar o freio à sua tendência constante de prolongar a jornada de trabalho, e novos motivos que aumentam ainda a sua sede de trabalho alheio.

PERSONALISMO



Porque pertencemos a um país com cerca de oitenta por cento de analfabetos, somos, por consequência, um país de petulantes a que o egoísmo, o personalismo e o individualismo mais se manifesta. É claro, que não nos referimos àquele individualismo filho dos princípios da Revolução Francesa que foram a última passada de calçada no regime da escravidão, mas sim a aquele individualismo animal e selvagem que predomina precisamente naqueles ignorantes e que, nas nossas coisas, algumas vezes se manifesta: Criada a burguesia, esta para se organizar começou por se unir para se concentrar contra outra força que, paralelamente surgia também: a força proletária. Entre nós compreendia-se essa necessidade e por isso a máxima "a união faz a força" era o lema a condicionar a dispersão. Porém entre um conjunto de operários que se reúnem para a defesa dos seus interesses não é raro aparecer um ou dois que são sempre a discor-

dia sistemática do êxito dos trabalhos a alcançar. Há entre estes os que são simplesmente parvos cuja consideração deverá ser a mesma que cientificamente se costuma dispensar aos doentes. Outros há, contudo, que longe de serem simplesmente doentes, são-nos, pior que isso, são maus, vaidosos e pretendem mais triunfar pelo seu personalismo do que pelo trabalho que realizam.

Nas nossas coisas essas criaturas são mais perniciosas ainda do que as ervas daninhas que os nossos camaradas camponeses exterminam para que se não perca a sementeira.

O nosso Partido não é como os partidos burgueses destinado a ter muita gente; ao contrário ele é um partido de massas mas de um número muito relativo de filiados. AURSS ainda não tinha, no 3.º ano da Revolução mais de 600 mil numa região de cento e cinquenta milhões de habitantes!

Essas criaturas que não animam nenhum espírito

colectivo devem ser, quanto antes, postas em sítio que não possam causar estragos. Elas não têm consciência e não vêm outra coisa senão o seu eu. Se um camarada sincero está a expor um programa, esses, não buzem e estão já a architectar uma resposta discordante tendente

a armar-se em campeão do obstrucionismo, com o perigo de levarem a traz desejos que são simplesmente parvos ou doentes! Isto que se tolera em outros organismos não deve prosseguir no nosso seio. No nosso Partido vence-se pelo trabalho realizado e não pela verborreia que tanto tem prometido e chamado parlamentarismo liberal.

COLABORAÇÃO

A nossa imprensa tem obtido ultimamente mais alguma colaboração, todavia está longe de corresponder aos nossos desejos. Nota-se ainda a recusa formal, e está da parte daqueles que sabem escrever. Ainda há bem pouco tempo o "Boletim" e a "Revista" tiveram apenas três ou quatro colaboradores. Se isto não perdurou, se deve à luta tenaz que o Secretariado da célula sustentou e continua a sustentar, contra a negligência inexcusável de alguns membros do Partido.

A imprensa prisional é o complemento da escola revolucionária da célula e seria impossível por em prática determinadas resoluções. Acresce ainda o facto de provarmos ao exterior o nosso inquebrantável esforço

revolucionário e finalmente o auxílio que prestamos às organizações centrais na materialização das suas resoluções.

A nossa actividade revolucionária deve estar em todo o lado. Será possível que os "negativos" desconheçam isto? É racional que um camarada prefira provocar um castigo a ter de dar a sua colaboração revolucionária? Creio que não.

Pôsto isto resumidamente, julgamos desnecessário voltar à carga com constantes comunicados, que nos roubam muitíssimo tempo, esperando de futuro colaboração de todos e muito especialmente, dos que têm facilidade de escrever e que até à data têm sido refratários.

O Secretariado